



# O MOMENTO

DIÁRIO DO POVO

**EDITORIAL: A CENTRALIDADE DA CONJUNTURA** PG.2

**29 DE MAIO: OCUPAR AS RUAS E DERRUBAR  
O GOVERNO BOLSONARO-MOURÃO** PG.4

**"MEU FILHO FOI MORTO COM FOME": CAPITALISMO,  
RACISMO E VIOLÊNCIA POLICIAL NO CENÁRIO BAIANO** PG.6

**OCUPAÇÃO COLONIAL SIONISTA E A  
RESISTÊNCIA PALESTINA** PG. 9

**140 ANOS DE LIMA BARRETO:  
DA CRÍTICA AO PASSADO À POESIA DO FUTURO** PG.17

**ENTREVISTA DO MOMENTO:  
MARIA ORLANDA PINASSI** PG.11

**A FOME E A MISÉRIA CRESCEM NO BRASIL** PG.19

**POEMA DE CAMILO JESUS DE LIMA** PG.20

**À MEMÓRIA DE MARIA BRANDÃO** PG.21



## A Centralidade da Conjuntura



*Por Milton Pinheiro*

A crise brasileira não pode ser apenas analisada pela lógica da instantânea conjuntura. Essa última é sempre uma leitura circunstanciada aos parâmetros dos fatos imediatos que movimentam as contradições das lutas de classes e que, por vezes, são alicerçados pelas balizas do politicismo institucional (disputas de poderes, ações de governos, reação ou acomodação às políticas públicas, parceria conflitiva, lutas focalizadas, bandeiras identitárias, disputa por narrativas, etc.).

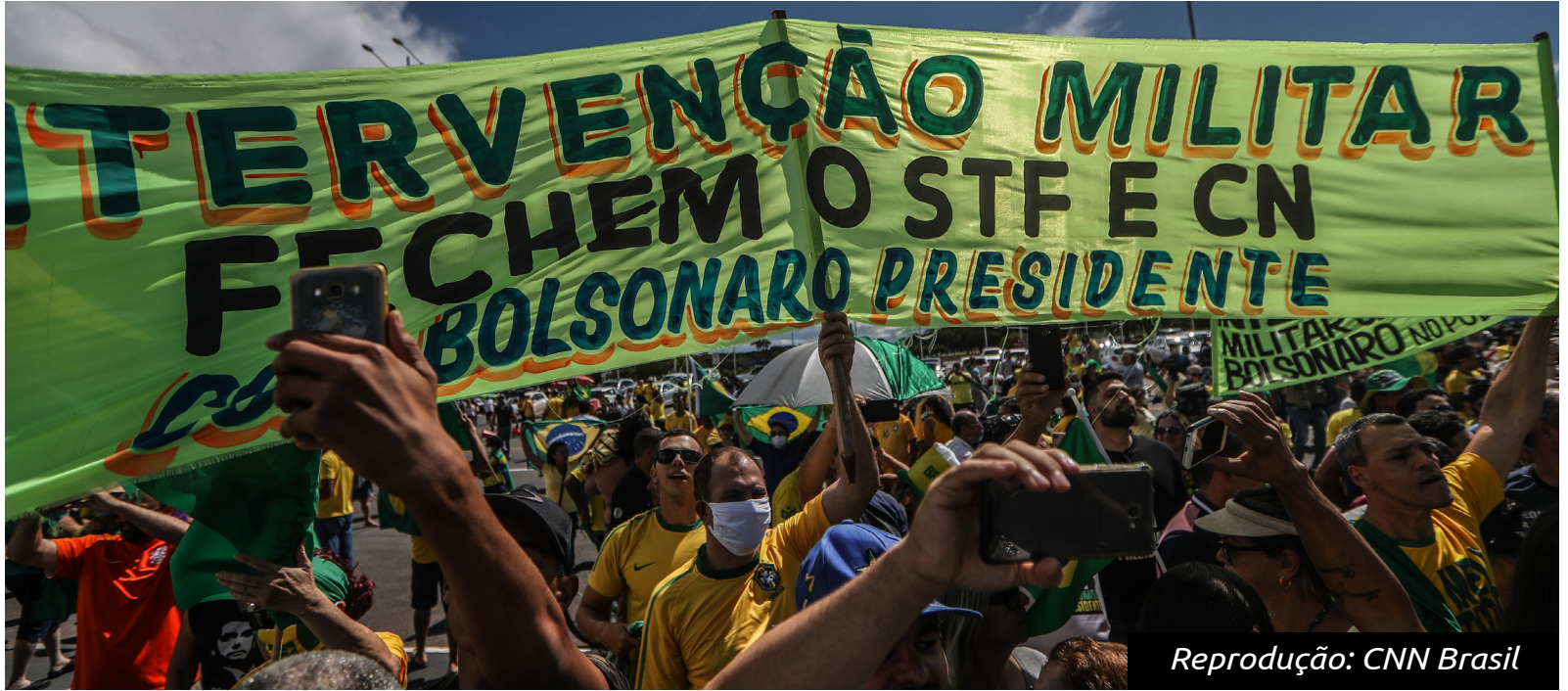
É importante para se posicionar na conjuntura, a partir de um projeto classista, entender as balizas e os fundamentos que mobilizam as forças e as ações em confronto. Essa possibilidade deve passar por um conjunto analítico que observa os agentes em disputa, identificando as lutas que se articulam com um projeto universal, entendendo quais são as consignas que podem mobilizar a vanguarda e o conjunto da classe trabalhadora, portanto, constituindo uma tática que seja operada por uma estratégia revolucionária.

Se essas balizas podem contribuir para uma análise concreta da realidade concreta, precisamos identificar, no caso brasileiro, quais foram os movimentos da história do tempo presente que projetaram o perfil da cena política em curso. Examinamos que o marco central começa com os acontecimentos das jornadas de junho de 2013. Um

importante movimento popular que terminou sendo, por incapacidade política da esquerda, e por leniência da socialdemocracia, tendo sua pauta de luta capturada pelas hordas de extrema direita que a partir do guarda-chuva da narrativa da corrupção reposicionou as ações daquele movimento.

Essa captura das ruas contou com o intenso apoio das hordas neofascistas, dos setores conservadores estabelecidos nas instituições do Estado brasileiro (justiça, ministério público, polícias, forças armadas, parlamento, etc.) e com uma forte base de apoio na mídia corporativa. Esse passo à frente conquistado pela direita mudou a relação de força na luta de classes, trazendo no seu cabedal político uma pauta reacionária, obscurantista e golpista.

Apesar da importância desse marco conjuntural, precisamos aprofundar e entender o papel histórico da autocracia burguesa no Brasil. Ela foi gestora da forma política que operou a transição brasileira do golpe burgo-militar de 1964 para a democracia formal em 1985 e é definidora dos graves momentos que Brasil está passando: fim do pacto social produzido pela constituição de 1988, derrota da conciliação de classes da lógica burgo-petista, avanço das frações burguesas reposicionadas no bloco do poder. Todo esse arcabouço constituiu um colapso que produziu a inflexão política com o golpe de novo tipo em 2016.



Reprodução: CNN Brasil

Diante dessa reconfiguração da política burguesa, o bloco liberal, em articulação com o neofascismo, movimentou um conjunto de ajustes na ordem estatal. Essa operação aprofundou a disputa pelo fundo público, passou as contrarreformas, a exemplo da reforma trabalhista e previdenciária. Esse projeto possibilitou que se abrissem as comportas para o ódio de classe aos pobres, permitiu-se o desfile do obscurantismo, armou-se os doutrinadores da teologia da prosperidade e sua pauta hiper conservadora, bem como contribuiu para a imensa divulgação da mentira ideológica nas redes de contágio.

Diante dessas sinalizações interpretativas: um marco da longa conjuntura, uma forma política da transição brasileira e o que está governando o Brasil, quais são as questões centrais da luta política na conjuntura? Primeiro, o projeto da socialdemocracia tardia para 2022 não pode capturar a centralidade da

disputa na luta de classes. Segundo, como devemos nos posicionar no quadro de caos em curso? Aprofundando as lutas: batalhas pela vida (vacinação já), contra as diversas reformas golpistas, contra as privatizações e em defesa dos serviços públicos, contra a fome e a carestia, pelo emprego e dignidade salarial. Terceiro, o momento político exige do campo do trabalho unidade de ação, firmeza na luta de classes, capacidade de superar o déficit organizativo da esquerda e unidade suficiente para construir uma forte movimentação proletária, popular e de esquerda que tenha como finalidade a reorganização da classe trabalhadora brasileira para derrotar Bolsonaro e Mourão, no sentido de colocar, com força, o projeto da nossa classe. São três questões que necessariamente não precisam ser enquadradas nessa ordem, mas, que, se operadas, podem mudar a relação de forças na luta de classes.

EXPEDIENTE



Jornalista responsável  
**Milton Pinheiro** MTB 72.595/SP  
Conselho de Redação  
**Camila Oliver, Milton Pinheiro, Rômulo Caires,  
Nalbert Antonino e Rafaela Fraga**  
Editora  
**Camila Oliver**  
Diagramação e Capa  
**Nalbert Antonino**



o m o m e n t o b a

Colaboradores desta edição  
**João Aguiar, Victor Ferreira Dias Santos, Pedro  
Magalhães e Vanessa Freitas**  
Revisão  
**Gabriel Galego e Rafaela Fraga**  
+55 (71) 99299-1368  
contato@omomento.org  
**www.omomento.org**



## 29 DE MAIO: OCUPAR AS RUAS E DERROTAR O GOVERNO BOLSONARO-MOURÃO



Divulgação: PCB Bahia - 29M [Salvador]

Por Rômulo Caires

No último sábado, 29 de maio, o Brasil teve suas ruas ocupadas por manifestantes exigindo a saída de Bolsonaro-Mourão. Além das mobilizações em todo estado, a capital baiana, Salvador, contou com uma multidão com cerca de 10 mil pessoas, concentradas na praça do Campo Grande e que seguiu em direção à praça Castro Alves. O PCB, a UJC, a Unidade Classista e os Coletivos Partidários Ana Montenegro e Minervino de Oliveira levaram suas fileiras com força total, por vacina, pão, saúde e educação neste #29M, dia nacional de lutas. Também houve presença marcante na Praça 9 de Novembro em Vitória da Conquista, com grande agitação e panfletagem junto aos trabalhadores locais. Em Feira de Santana o #29M ocorreu em frente à Prefeitura da cidade, exigindo a saída de Bolsonaro-Mourão, vacinação e alimentação digna para toda a população, e contra o genocídio operado pelo governo federal.

Numa construção firme apoiada no Fórum Sindical Popular e de Juventudes e outras forças de esquerda, o #29M concretiza o que vinha se desenhando nos últimos meses: a retomada das ruas pelo povo trabalhador. Lugar que nunca deveríamos ter saído, afinal a desmobilização popular se converteu em continu-

ação da política genocida do governo Bolsonaro-Mourão. Desde o início da pandemia por COVID-19 se levantou uma questão da máxima importância: abandonar as ruas pela necessidade premente do isolamento social poderia deixar campo aberto para as forças de extrema-direita ditarem o rumo ideológico dos debates políticos no país, especialmente quando tais forças de extrema-direita sempre reivindicaram o boicote generalizado às medidas de combate ao COVID-19, estimulando rotineiramente aglomerações completamente descuidadas em relação aos mínimos requisitos de segurança sanitária e sendo completamente negligentes com a necessidade de vacinação massiva da população brasileira. O agitador fascista Jair Bolsonaro fez de tais “atos irresponsáveis” bandeira constante em suas ações, inclusive criando uma espécie de personagem “destemido”, que seria a favor da “liberdade” contra os desmandos de prefeitos e governadores do país.

Diversos militantes, particularmente os ligados à área da saúde, já indicavam que o que parecia uma contradição – defender medidas rigorosas de isolamento social e ao mesmo tempo insistir na necessidade de não ceder nas lutas – na verdade se tratava de uma necessi-

dade colocada pela atual condição histórica. Os comunistas sempre estiveram cientes do fato incontornável de que não escolhemos, à priori, o campo de batalha que iremos atuar, mas herdamos uma determinada situação que tem sua gênese em um passado que não controlamos. O máximo de cuidado e planejamento se faz necessário em atos de massa em plena pandemia, ao mesmo tempo que é impossível evitar completamente o risco da contaminação. Todavia, a isenção de riscos não é um privilégio de quem de fato atua politicamente. Defender uma política de “risco zero” serve apenas àqueles que querem surfar no *status quo*.

Desde os atos que ocorreram pelo Brasil em solidariedade a George Floyd, brutalmente assassinado pela polícia racista dos EUA, no qual a pauta antirracista se destacou em mobilizar lutadores de todo o Brasil, inclusive na Bahia, houve ensaios de retomada das ruas pelo povo trabalhador. Novamente com destaque da pauta antirracista, militantes também estiveram prestando solidariedade ao trabalhador negro João Alberto Freitas, brutalmente assassinado por seguranças da rede Carrefour em Porto Alegre. Tais atos apontavam para a estreita ligação entre racismo e capitalismo. Houve também atos em defesa da educação, paralisação dos trabalhadores de aplicativos, além de uma série de lutas contra as diversas opressões operadas neste país cindido pela brutal desigualdade social. Se tais ações não conseguiram dar corpo a uma agenda contínua de lutas que

pudesse fazer frente aos diversos retrocessos do governo Bolsonaro-Mourão e a política econômica de Paulo Guedes, serviram para mostrar que as lutas não estavam abandonadas, mesmo que certa esquerda da ordem preferisse apostar no sangramento crônico do atual governo e da espera messiânica pela eleição de 2022.

Nos parece que o #29M sintetiza as lutas iniciadas em 2020 e opera uma importante mudança qualitativa. A população vai finalmente percebendo que se atos massivos em um período crítico como o que vivemos sob a COVID-19 não são ideais, muito mais perigoso que o vírus é a continuação do governo Bolsonaro-Mourão. As manifestações ocorridas em todo o território nacional deram uma linda amostra de que é possível sair para as ruas com o máximo de cuidado, com ampla distribuição de máscaras adequadas (foi massivo o uso de PFF2, considerada a melhor máscara para proteção contra o vírus), com distanciamento, com álcool em gel etc. Algumas direções de partidos de esquerda tentaram boicotar o ato e desmobilizar suas bases, fato que felizmente não se concretizou. Mais uma vez a militância do Partido Comunista Brasileiro e seus coletivos mostraram garra e determinação para apontar qual o futuro que desejamos: vacinação para todos já; combate à fome e carestia: saúde e educação para todos. Mas acima de tudo, sabemos que 2022 está muito distante e que desde já lutamos por um novo mundo, pelo socialismo e pelo Poder Popular!



Divulgação: PCB Bahia - 29M [Salvador]



# “MEU FILHO FOI MORTO COM FOME”: CAPITALISMO, RACISMO E VIOLÊNCIA POLICIAL NO CENÁRIO BAIANO



Divulgação: PCB Bahia

Por Victor Ferreira Dias Santos e Pedro Magalhães

Desde a década de 80, o conjunto dos movimentos negro organizados vem denunciando e mostrando a condição do Brasil, pautando a superação do mito de democracia racial, essa cortina de fumaça criada pelas elites brancas para que não enxerguemos a dimensão racial dos conflitos interclasses. E foram muitas vitórias, como aponta Sueli Carneiro, principalmente nas pautas voltadas para a educação. Contudo, essa mesma militante histórica destaca que cada vez mais surgem mecanismos subjetivos da burguesia para minar alguns avanços e creditar outros a essa própria classe e não às denúncias e às construções do movimento negro.

Outro intelectual negro que aponta para esses novos mecanismos sobre a questão racial é Silvio Almeida, sinalizando principalmente para a forma como a negritude de nosso país foi sendo “inserida” nessa atual forma organizativa do sistema capitalista. Tanto Sueli Carneiro e Silvio Almeida apontam para as armadilhas do consumo, normalmente caracterizadas como Black Money, e uma representa-

tividade vazia. Sueli inclusive ousa em apontar para um momento de uma espécie de tentativa de uma neodemocracia racial, indicando a tendência de retomada desse mito na forma de conter os movimentos negros organizados, eliminando a possibilidade de esses militantes atuarem politicamente em prol de seus interesses enquanto classe trabalhadora negra.

Essa tentativa vem causando diversos impactos em nossas próprias mobilizações e projetos de uma nova sociedade. Principalmente pela falsa sensação de que agora estamos aparecendo, que uma estética (que busca o nível da padronização) agora existe e que nesse momento deixamos de ser invisíveis e passamos a ter destaque. Será mesmo que a Rede Globo colocar um ou outro ator ou atriz negra resolve a repressão em torno de nós? O mesmo para os comerciais de TV, como no caso da Natura, que cada vez mais vem utilizando desses mecanismos, mas, ao mesmo tempo, continua explorando de forma hegemônica a força de trabalhadora da população preta (em sua maioria,

feminina) em seus trabalhos mais precarizados?

Esses são questionamentos importantes para refletirmos no conjunto do movimento político negro e no seio da classe trabalhadora, pois cada vez mais vamos nos afastando do entendimento das estruturas e composição dessa sociedade e caindo em uma armadilha que nos prende, sujeitos políticos, à aparência imediata de uma situação que aflige de forma direta nossa condição enquanto próprios seres humanos. A situação enfrentada pela população negra e pobre é alarmante. Segundo dados do IBGE, em 2018, 75,7% das mortes por homicídio foram de pessoas negras. Esse dado apresenta apenas um reflexo da forma como o nosso país foi moldado: nas bases de um sistema – capitalista e escravista – que tem as pessoas pretas à mira para defender a sua propriedade. Dessa forma, o racismo, na particularidade brasileira, não se resume apenas a formas de comportamento ou atitudes individuais. Para a estrutura capitalista sobreviver, é necessário que se mantenha o racismo, super-explorando a fração negra da classe trabalhadora, sendo mais uma razão para explorar o conjunto da classe trabalhadora, condenando-a as piores mazelas.

Nesse cenário, o Estado segue perpetuando índices altíssimos de assassinato da população negra com os objetivos de defesa da propriedade privada e conciliação

dos conflitos entre trabalhadores e patrões. Contudo, dentro dessa função, a burguesia e as elites assumem o poder e ditam as regras e mecanismos objetivos-subjetivos para que se mantenham no poder e conservem a sociabilidade capitalista na sua essência. Lenin e Engels já apontavam para a necessidade dessa superação do Estado, no horizonte de superação das próprias classes antagônicas e rumando para a única classe ao lado da verdade, os trabalhadores e as trabalhadoras. Essa necessidade histórica torna-se mais pulsante para a população preta do Brasil e da cidade de Salvador, que continuamente sofre com a morte, a repressão e as condições precárias de sobrevivência. As diversas operações que ocorrem nas favelas e periferia são recorrentes, tornando-se cotidianas na vida desses trabalhadores e trabalhadoras.

Esta mesma população tem sofrido com a guerra às drogas, que não tem como objetivo acabar com o consumo, mas sim avançar no extermínio da população negra e periférica, especialmente jovens. Sabemos que os principais comandantes e articuladores do tráfico encontram-se principalmente em locais de luxo, sendo muitos políticos, como foi o caso incógnito do senador Aécio Neves e seus cem quilos de pasta base para cocaína que até hoje não houve um culpado sequer.



Foto: Douglas Dobby



A violência policial não ocorre vez ou outra. O Atlas da Violência do ano passado revela que o homicídio de pessoas negras cresceu cerca de 34% na década de 2008-2018, com números assustadores no Acre (373%), Roraima (316%) e no Ceará (225%). Na Bahia e no Rio de Janeiro, essas porcentagens também são maiores que a média nacional, além de representarem quantidades numericamente maiores que no Acre, Roraima e no Ceará. Muitos e muitas jovens negro-brasileiros/as tombaram pela mão do Estado nesses lugares. No Rio, o Estado capitalista-racista ceifou a vida da sorridente menina-maravilha Ágatha Vitória Sales Félix (8 anos). Um ano depois, mais de 28 crianças foram baleadas na Grande Rio, dentre elas, o João Pedro Mattos Pinto (14 anos), que brincava com amigos antes de receber uma bala na barriga e não resistiu. Mais recentemente, uma operação policial durante a pandemia da COVID-19 tirou a vida de 29 trabalhadores negros, alvejados muitas vezes na frente de seus familiares durante um massacre na comunidade do Jacarezinho no início desse mês.

Na Bahia, a realidade não é muito diferente. Uma realidade que foi moldada pelas teorias racistas, colocando o negro como essencialmente marginal, criadas pelo médico negro Nina Rodrigues e postas em prática pela política matadora do carlismo. Essa política de morte levou a vida de muitas crianças e jovens negros e negras baianas, sendo críticos e extre-

mamente cruéis casos como a chacina do Cabula, na qual, a mando de Rui Costa, a Polícia Militar da Bahia (PM-BA) executou doze jovens negros em nome da guerra às drogas. Um outro caso problemático foi o dos jovens Bruno Barros (29 anos) e Yan Barros (19 anos), torturados e mortos nas dependências do Atakarejo Salvador por tentarem furtar quatro pacotes de carne para saciar a fome enfrentada. Os movimentos não deixaram de se articular ante esses casos não pontuais de violência. Muitos atos, especialmente motivados pela chacina do Jacarezinho, ocorreram em todo o país. Todos eles ocorreram no dia 13 de maio de 2021, denunciando a falácia que foi a abolição da escravidão e a necessidade constante do movimento negro de se massificar para fazer esse embate com a classe dominante branca com mais força.

É inegável que, ao vermos nossa juventude sendo massacrada, busquemos soluções e respostas para essa situação, mas essas não podem ser ditadas pela própria burguesia e seu aparato midiático. Devemos buscar na coletividade e com as experiências de nossos irmãos, irmãs e camaradas, que resistiram e ousaram mudar em outros períodos históricos, como Angela Davis, Samora Machel, Assata Shakur, Carlos Marighela, Pedro Domiense, Minervino de Oliveira, Lélia Gonzalez, Astrogildo Pereira e outros que não esmoreceram em momentos semelhantes ao que vivemos atualmente.



Protesto realizado em fevereiro de 2015, logo após a chacina | Foto: Rafael Bonifácio /Ponte Jornalismo



# A OCUPAÇÃO COLONIAL SIONISTA E A RESISTÊNCIA PALESTINA



Reprodução: Middle East Monitor

Por João Aguiar

No último dia 15 de maio completou 73 anos da Nakba, ou catástrofe em árabe, quando colonos ocuparam a Palestina e começaram uma série de massacre dando início de um longo processo de limpeza étnica e genocídio, que a partir da ocupação militar-colonial originou o Estado de Israel. Neste dia já centenas de árabes e muçumanos, seja em Jerusalém ou Gaza, engrossavam os números de mortos e feridos.

A ofensiva do colonialismo israelense começou no dia 10 de maio, quando forças da ocupação invadiram a Mesquita de Al-Aqsa e retiraram muçumanos a força. Combinando a decisão da Suprema Corte de Israel de expropriar ilegalmente Palestinos do bairro de Sheikh Jarrah, foi o estopim para um rebelião de massas com grande presença da juventude e das mulheres na Palestina. É preciso desmistificar a linguagem oficial na grande mídia, que tem narrado as revoltas contra o colonialismo como “confronto”, em que ambas as partes dispusessem

de mesmas condições: trata-se de um massacre.

Após a reação dos manifestantes Palestinos a polícia colonial de Israel - conhecido pelo seu papel de destaque na arbitrariedade no Oriente Médio, a qual dispõe de um moderno aparelho de repressão com de centros de tortura e detenção em massa - Israel partiu a bombardear territórios de grande densidade populacional árabe-palestina. Ao todo nos covardes bombardeios resultaram em 254 mortas e quase 2000 feridas. Entre as mortes dos bombardeios, foram 67 crianças. Barbaridade que fez o jornal israelense Haaretz publicar a foto de todas as crianças mortas nos bombardeios e suas histórias, algumas encontradas desfiguradas ou sobre os escombros de suas casas.

O silêncio da grande imprensa ao morticínio por parte de Israel ou sua veiculação pró-sionista que veicula a tensão como um conflito puramente religioso ou étnico-racial, sem negar que são questões presentes, joga por baixo do

pano para uma compreensão a fundo da questão.

A Palestina é um território ocupado desde 1948, financiado pelo imperialismo norte-americano e britânico para cumprir um papel geopolítico de hegemonia militar no Oriente Médio. Na dimensão ideológica, se apresenta enquanto projeto sionista: uma interpretação do fundamentalismo religioso judaico, que traz do plano divino a base do convencimento e justificativa da ocupação israelita. Não por menos a limpeza étnica da colonização israelita, a destruição de toda simbologia pertencente que remete a população árabe e muçumana, é um fator indispensável do projeto colonial.

Gaza é o maior campo de concentração em céu aberto do mundo. São 2 milhões de Palestinos que sofrem com ausência de água potável, famintos, sujeitos a todas arbitrariedades do exército israelense. Não somente há uma semelhança mas como se repetem os métodos do Apartheid Sul Africano, ou como o Jim Crow que impunha a segregação racial nos Estados Unidos, inspirados nos laboratórios das políticas nazistas que se acometeram contra os povos da Alemanha, principalmente o povo judeu.

Toda população histórica da Palesti-

na está sendo sistematicamente assassinada ou expulsa de suas terras, para que imigrantes europeus ou norte-americanos de origem judia ocupem as terras e o território palestino. A defesa das liberdades civis, a luta contra o apartheid racial e a presença das forças de ocupação de Israel é uma tarefa radicalmente democrática que imputa o presente.

Mas neste caso, a questão da libertação nacional da Palestina se relaciona diametralmente com a luta contra a presença do imperialismo no Oriente Médio e as burguesias chauvinistas. A paz e o fim das mortes e massacres que tomam conta dos noticiários, só pode ser conquistada com a completa libertação da Palestina. A qual é uma questão da libertação do proletariado em geral, árabe e judeu, cuja a tarefa incide a criar um estado operário-popular e multiétnico, que expulse as forças da ocupação colonial-militar por completo, leve a cabo a destruição do imperialismo e sua presença no oriente médio, libertando os trabalhadores da opressão colonial e de toda chaga da segregação racial.

*A luta pela Palestina Livre é uma luta contra o racismo, o capitalismo e o imperialismo!*



Reprodução: Brasil de Fato



## ENTREVISTA DO MOMENTO: MARIA ORLANDA PINASSI



*Reprodução: Diário Liberdade*

*Por Milton Pinheiro*

Entrevista com Maria Orlanda Pinassi, professora de sociologia aposentada da UNESP e professora colaboradora da Escola Nacional Florestan Fernandes.

**O MOMENTO - Em um cenário de grave situação política, como você examina o Brasil atual?**

MARIA ORLANDA PINASSI - Aterro societário é o que parece definir a tragédia brasileira atual. Colapso social, desemprego estrutural, insegurança alimentar, caos sanitário, degradação ambiental, desmonte das instituições sociais públicas – sobretudo as de educação e saúde –, delinquência moral, militarização em todas as esferas, apologia às armas, ao genocídio, etnocídio, pobrecídio, feminicídio, ascenso democrático de narco-milicianos-neopentecostais transbordando de territórios restritos para o controle truculento e negacionista do país, alienação das massas, fascistização generalizada. Em poucos anos, saltamos de uma ilusória situação emergente para uma situação de barbárie efetiva. Personificamos a periferia que absorve os extremos da crise sistêmica.

O que dizer, por exemplo, de um país

que, em 2020/21, comparece com 30 bilionários no ranking da revista Forbes, 11 dos quais estreantes? Como justificar a riqueza de 62 brasileiros que, em situação de pandemia, quase dobrou de R\$ 127,1 bilhões para R\$ 219,1 bilhões enquanto metade da população não tem como garantir comida na mesa? Esse capital altamente concentrado não é só vadio, ele é efetivamente criminoso porque assenta sobre quase 500 mil vidas perdidas para a Covid-19, porque produz 116 milhões de famintos, 15 milhões de desempregados, 5 milhões de alen-tados e mais de 40 milhões de trabalhadores e trabalhadoras informais precarizados. Neste período, aumentou substantivamente o número de indígenas, negros, mulheres, ambientalistas, lideranças populares no campo e nas cidades, perseguidos e assassinados pela cultura do ódio, entulho da ditadura, recidiva de um país estruturalmente subalterno, mais do que nunca cloaca do rentismo, do extrativismo, agronegócio, do tráfico. No último ano, áreas de floresta e de cerrado, ricas em espécies endêmicas de animais de plantas, muitos dos quais em risco de extinção, arderam sob o negócio do fogo; praias e manguezais do Norte e do Nordeste foram invadidos por grande quantidade de óleo

e lixo hospitalar vindos sabe-se lá de onde. Por motivos diversos, todos absolutamente torpes, favelas, aldeias, quilombos vivem sob ataques constantes e brutais para atender os apetites incontroláveis do capital transnacionalizado.

É assim que vejo o Brasil hoje, o país da tempestade perfeita.

### **O. M - Como interpreta o papel das esquerdas na luta de classes em curso?**

M. O. P - Pensando em termos de luta de classes, não vejo papel efetivo para as esquerdas dogmáticas, aquelas que arrastam correntes com seus programas de transição socialista feitos de cima para baixo, sem correspondência com a realidade das massas. Essas esquerdas fetichizam o “sujeito revolucionário” como entidade a-histórica e propõem soluções modernizantes baseadas no culto do trabalho abstrato e na avançada tecnologia burguesa como caminhos seguros para o socialismo. O mais grave dos erros cometidos já nos primeiros tempos da Revolução Russa foi buscar os alicerces do que deveria ter sido uma nova sociedade livre de dominação e exploração justamente no sistema fundado na divisão social hierárquica do trabalho e na realização do valor. Tudo sob o estrito controle de um Estado agigantado e mal resolvido por acumular poder político e poder econômico. Perdeu-se ali a oportunidade de tomar o Estado, esvaziar seu conteúdo hierárquico, burocrático e substituí-lo por “um

governo do povo” tal como foi feito pelos comunardos, em 1871. Mais, deixou-se de atender às necessidades prementes da população faminta através de algo ao alcance das mãos, simples, como era o caso das comunas camponesas, capazes de abastecer o país do produto mais essencial às pessoas e ao futuro da revolução: comida abundante e de boa qualidade.

Mas, voltando ao nosso assunto, e tendo em vista que o sistema de capital é extraparlamentar, ou seja, um sistema em que as decisões de fato são tomadas fora do parlamento, acredito ainda menos no papel das esquerdas institucionalizadas em partidos eleitoreiros, sindicatos e movimentos sociais que sucumbiram à ordem. Essas esquerdas escolheram aprimorar concepções reativas, defensivas, requeijam soluções que só conseguem dar sobrevida a um desenvolvimentismo irresponsável. Essas esquerdas ditas progressistas são fenomenológicas, não alcançam além da pequena política, são parte constitutiva dos vaivéns da democracia participativa em crise terminal. Apela para um Estado socialmente falido que “emancipa” de vez parte substantiva da população em crescente estado de vulnerabilidade. As consequências assustadoras do abandono durante a pandemia no Brasil são a maior evidência do divórcio entre o Estado benefactor e a sociedade civil. Um eventual retorno da esquerda liberal, identitária, “progressista”, não significará a recomposição do que foi destruído, será no máximo uma tentativa pouco alen-



Reprodução: Justificando



tadora de retomar a gerência pacificadora do caos. Pressinto um fiasco total na empreitada.

### **O. M - No enfrentamento com o governo do agitador fascista, Jair Bolsonaro, o que deve ser a centralidade da luta?**

M. O. P - A tragédia ampliada no Brasil de hoje é consequência da corrosão humanitária em que se converteu o sistema de reprodução sociometabólica do capital a partir de 1960 com a crise do keynesianismo anticíclico. No Brasil, a ditadura civil-militar suspendeu nossa frágil democracia para introduzir no país as condições imperativas ao neoliberalismo, condições essas que ficariam mais definidas nos anos de 1990 com o processo da reestruturação produtiva. Aquela foi a forma de integrar o Brasil ao circuito internacional do capital financeiro via transnacionalização da burguesia interna, de realizar a “Revolução Verde” que significou desmatamento, expropriação ainda mais intensa contra as populações nativas, camponesas, quilombolas, industrialização da agricultura e dependência total de corporações-monstro como a Monsanto (veneno, monocultura, transgenia), extrativismo mineral predatório (super incentivo à Companhia Vale do Rio Doce), uma proletarização que nasce precarizada e sem direitos, escravização militarizada e clandestina de indígenas, sobretudo em regiões de fronteira.

Traçando uma linha do tempo da chamada Nova República [1985 a 2015], entendo que cada governo que sucedeu a ditadura deu sequência a esse modelo econômico contribuindo para pavimentar os caminhos do inferno que vivemos hoje. Todos, sem exceção, conduziram a política no sentido de confirmar nossa estrutural condição colonial, a nossa subalternidade, o nosso papel produtor de commodities.

A atual política de Estado amplia os estragos praticados em décadas e o faz com muito mais desenvoltura e irracionalidade do que todos os que a antecederam em Brasília. Se, nesse processo, Bolsonaro não é o mentor da indigência, ele é um agente especial, de tipo miliciano, criado e treinado nos porões da ditadura de um sistema de acumulação geneticamente putrefato. Sua ascensão à presidência da república vem a calhar com a crise estrutural da política, muito mais grave e reveladora do que a aludida por

Florestan Fernandes em Notas sobre o Fascismo, texto escrito no exílio no Canadá em 1971. Bolsonaro é o último baluarte da política representativa, a face mais obscura de um sistema que tende cada vez mais ao subterrâneo.

A centralidade da luta, portanto, independentemente de quem ocupe a gerência política do país, deverá acontecer não só, mas principalmente fora da institucionalidade e seu pressuposto mais essencial permanecendo a de construir os alicerces da Revolução Social e Popular.

### **O. M - Existem, hoje no Brasil, movimentos populares com corte de classe e capacidade política para enfrentar o projeto burguês?**

M. O. P - O quadro é muito difuso. Difícil de analisá-lo em toda sua complexidade. Não vejo no Brasil atual nenhum movimento de massas com capacidade significativa de enfrentar o projeto burguês. As Jornadas de 2013, o Movimento de Ocupação das Escolas pelos Secundaristas, em 2016, e o Movimento Ele Não, de 2018, foram as manifestações populares mais expressivas que o país vivenciou neste último período e que, na minha opinião, tiveram potencial ofensivo para um avanço na direção do que sugere a pergunta. No entanto, nenhum dos sucessivos ataques às leis trabalhistas, previdenciárias, tributárias, aos direitos humanos, à educação, à saúde conseguiu criar lastro de repúdio massivo à ordem como vimos em países da América Latina em 2019 e mais recentemente na Colômbia.

Mas, vamos, por exemplo, à greve de caminhoneiros que também aconteceu em 2018. Esse foi um movimento popular massivo, muito representativo da categoria, que não visou enfrentamento do projeto burguês. Ao invés disso, deu um passo decisivo para o ascenso político da extrema direita e para a fascistização no país.

Outro exemplo de ação popular quase sempre reacionária, vem das estratégias praticadas com muito empenho por pastores neopentecostais quando embrenham seus templos despojados nas comunidades mais pobres, sejam elas urbanas, rurais, indígenas, de sem-terra, sem-teto. Disseminam valores que penetram a alma dos fiéis que, por sua vez, replicam fundamentalismos, violência contra mulheres, ódio às culturas tradicionais e se autoimpõem submissão absoluta à uma estrutura social hie-



rárquica que precisa ser cada vez mais rígida. É cruel o espancamento de idosas indígenas por pajés evangelizados em suas próprias aldeias; é brutal o que se comete contra as religiões afro-descendentes e seus seguidores nas favelas dominadas por narco-milicianos-neopentecostais.

Os entregadores de aplicativos – tanto quanto aconteceu na China e Inglaterra – fazem um movimento com recorte de classe muito interessante justamente quando o capital mais requisita, lucra com e explora seu trabalho extenuante. Tirando o fato de estarem atuando de modo reivindicativo, é uma categoria nova, em crescimento, sem direitos e sem perfil ideológico claro, mas com enorme potencial de enfrentamento. A ver.

### **O. M - Como analisar a presença do neofascismo entre nós?**

M. O. P - Há 500 anos se forma por aqui um quadrado mágico de distorções sociais endêmicas e de assaltos recorrentes às populações indígenas, pretas, pobres, às classes trabalhadoras e aos nossos recursos naturais. Como disse um pouco antes, esse formato, pautado numa permanente acumulação por espoliação, para usar um termo de Harvey, organiza e reorganiza uma sociedade estruturalmente escravista-colonial, patriarcal, autocrática e periférica. Não surpreende que o Brasil, tal como se encontra hoje, configure uma síntese dos mais graves problemas da atualidade do sistema, um campo privilegiado de observação dos sintomas mais perversos da crise estrutural. Entre eles certamente figura entre nós a explosão de um neofascismo de tipo periférico. E é importante frisar isso porque a nossa extrema direita é tão histriônica quanto a dos colegas dos países do Norte, mas sua submissão ao Império es-

tadunidense equivale à virulência interna, que precisa ser muito mais nociva e destruidora. Hoje, o Brasil mostra para o mundo que o controle das massas submersas em necessidades contingentes graves é muito mais eficiente se exercido por instrumentos ideológicos de negação do real e por forte aparato policial. Pois mesmo nas condições extremas da pandemia, quando é praticada a imunização de rebanho, a concessão de auxílio emergencial, que deveria ser prioridade, é fortuita e, de modo racionalmente conveniente, depende dos humores da escória do planalto e do mercado. Não dá para pensar seriamente em saídas como a renda mínima ou renda básica universal, por mais necessárias que possam ser nesse canto tão castigado do mundo, sem se considerar as oscilações cínicas da economia política, inadmissíveis à vida em estado de urgência.

Só para concluir essa questão, fascismo e crise cíclica sempre andaram juntos, são fatos os exemplos do século XX. Em tempos de crise estrutural, o neofascismo é devastador no Brasil e no mundo todo e ele não será episódico, como os ensaios nacionalistas da Alemanha, Itália, Japão, Espanha, Portugal, de vários países da América Latina. O neofascismo, ou coisa que o valha, veio para ficar, é internacionalista, popular e funciona como uma metástase generalizada do irracionalismo em que se converteu o sistema de reprodução social do capital.

### **O. M - Quais são os principais problemas que a esquerda socialista deve enfrentar na luta política dessa quadra histórica?**

M. O. P - Entendo que é a própria totalidade da realidade atual o enorme problema a ser enfrentado. As condições concretas da nossa história presente são tão graves que



impõem soluções radicais em que a lei do valor, a divisão social hierárquica do trabalho, a modernização incessante das forças produtivas, não podem ser a referência de um mundo novo. Pelo contrário, devem ser firmemente rechaçadas e deixadas no passado. São tempos, portanto, de questionar seriamente o sentido de não se manter viva uma centelha sequer de toda essa irracionalidade que afeta a vida do planeta e dos bilhões de indivíduos que vivem no abandono, na pobreza, na incerteza. O momento, abalado por pandemias, guerras e fome, parece ser de transição para uma ameaçadora descontinuidade na continuidade controlada pelo capital, um mundo pós-humano e pós-capitalista (mas, não pós-capital) fortemente restritivo e totalitário como querem alguns ultrarricos para assegurar privilégios e riqueza acumulados. Para desgraça deles, porém, é que enquanto existirem, permanecerão dependentes da servidão dos sobreviventes – os antípodas de sempre, as trabalhadoras e os trabalhadores dos quais extraem trabalho excedente e de quem não podem se ver totalmente livres.

A fome, sintoma mais abjeto da sociedade do capital abundante, consequência do desemprego estrutural e do abandono irrevogável das massas pelo Estado, constitui o problema mais grave e mais imediato a ser enfrentado neste momento. A fome foi a razão poderosa das insurgências mais decisivas da história contemporânea. Muito certamente essa também será a razão da hecatombe para a qual o sistema nos encaminha. Pois então, o sentido histórico da fome que move montanhas é também esclarecedor para não cairmos nas ilusões de sempre. Na Revolução Russa, como vimos antes, a modernização das forças produtivas, com todas as implicações problemáticas que isso causou, foi o caminho escolhido como mais eficiente para a superação do atraso. Nas condições atuais, ao contrário, a fome é resultado do progresso e do fracasso capitalista, não podendo em hipótese alguma ser sua solução.

Provavelmente teremos pela frente uma situação em que o papel explosivo das massas, impulsionadas por necessidades de sobrevivência essencialmente biológicas, poderá ser bem mais indigesto do que idealizam as esquerdas teleológicas. Isso irá criar um cenário imprevisível de revoltas generalizadas e sem controle

desenhando um quadro de disputa gigantesca com a barbárie seja dos ricos, seja dos pobres.

A maneira mais efetiva de preparar o ante festum é ouvir outras maneiras de interpretar o mundo, observar atentamente formas não totalmente alienadas ou deformadas que são praticadas pelo mundo afora. Buscar conhecimento em quem combate a carência sem a presença de Estado que já se evadiu dos problemas sociais que criou. Atentar para experiências populares e comunais que atuam na autodefesa da espécie, o que significa defender seus territórios, a natureza e demais espécies. Elas, de fato, vêm se realizando pelo mundo afora e no Brasil, inclusive. Não são somente hipóteses. Tais iniciativas possuem o cunho da diversidade (daí a sua riqueza), podendo surgir entre povos tradicionais ameaçados, entre comunidades rurais e populações urbanas em situação de muita vulnerabilidade. Por iniciativa quase sempre de mulheres miserabilizadas, comprovam que é possível formar comunas, viver sem políticas públicas, sem a mão invisível do mercado, sem a lógica do valor de troca, sem divisão social hierárquica do trabalho, sem exploração e sem a corrida desembestada para satisfazer os apetites imaginários impostos pelo capital. Bons alimentos, laços de solidariedade e uma nova relação com a natureza são medidas simples e absolutamente necessárias para sairmos desse imbróglio todo.

Isso pode indicar que o “capital social total” ultra-concentrado, ao “emancipar”/ abandonar pessoas – pessoas das mais diversas culturas, raças e nacionalidades que pelo mundo afora compõem a “totalidade do trabalho” disponível, cria brechas, difíceis é verdade, mas que não deixam de ser um sinal interessante da história em transição. A luta pela formação de comunas bem como a luta pela preservação das que sempre se organizaram de tal modo (os chamados “comuns”) pode trazer condições de autonomia e sustentabilidade para atravessar o Rubicão e ainda realizar uma progressiva socialidade igualitária.

Ou seja, o ponto de partida do confronto decisivo contra o capital, frente a toda complexidade decadente do sistema, complexidade essa radicalmente antagônica à complexidade ontológica do ser da revolução, deverá ser bem mais modesto do que sempre se

pensou. Mas, certamente não será pacifista.

### **O.M-Comoateoriasocialmarxistapode contribuir para entender o tempo presente?**

M. O. P - Obviamente que essas questões todas estão aqui de modo bastante embrionário e se dispõem a um debate para aprofundamento dos pontos realçados. Mas, desde já adianto que estão baseadas na teoria marxiana, sem a qual considero impensável combater o sistema de reprodução social do capital. Marx e Mézáros são um norte para pensar, aqui e agora, a formulação de experiências comunais. E de como essas experiências podem ser a ponta de lança para a construção de uma Revolução Política com Alma Social, um processo necessário para atingir a totalidade das relações sociais, atuar no sentido de abolir o Estado, suas instituições, a luta de classes e transformar o cotidiano, a cultura, a educação, a relação com a natureza. Se essas experiências ainda são esparsas, as condições que elas criam precisam se tornar universais. É sobre isso que Marx fala quando se refere às tomadas de decisão da Comuna de 1871 em Guerra Civil na França:

*"A Comuna não foi uma revolução contra qualquer forma de poder estatal, legitimista, constitucional, republicano ou imperial. Foi uma revolução contra o Estado enquanto tal, contra esta monstruosidade monstruosa da sociedade, foi a ressurreição da autêntica vida social do povo, realizada pelo povo. Seu objetivo não era transferir o poder do Estado de uma fração das classes dominantes para outra, mas destruir essa máquina abjeta de dominação de classe. Não foi uma daquelas lutas mesquinhas pelo domínio de classe entre seu poder executivo e suas formas parlamentares, mas uma rebelião contra ambos, que se complementam".*

É particularmente em seus últimos anos de vida que Marx irá questionar sua teoria da revolução proletária a partir do ponto mais desenvolvido do capitalismo, em seu tempo, a Inglaterra. Tiveram impacto sobre ele aqueles 72 dias intensos de liberdade e democracia radical em Paris, a ligação que estabeleceu com Elisabeth Dmitrieff (uma das muitas mulheres que tiveram papel de destaque durante a Comuna) quem

lhe apresentará uma literatura sobre as comunas camponesas e, pouco mais tarde, as correspondências trocadas com os narodniks Nikolai Danielson e Vera Zassúlich que o aproximarão das comunas rurais russas. Marx responderá da seguinte forma à indagação de Vera sobre como se posicionava o comunista, escritor de O Capital, sobre o campesinato tradicional da Rússia:

*"(...) o estudo especial que delas realizei, e cujos materiais busquei nas fontes originais, me convenceram que esta comuna é o ponto de apoio da regeneração social na Rússia, mas que, para que possa funcionar como tal, seria preciso eliminar primeiramente as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e, em seguida, assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo."*

De modo telegráfico, faço menção aqui a Mézáros, em particular no capítulo 19 de Para além do capital, intitulado "Sistema comunal e lei do valor", onde retoma passagens seminais de Marx para discorrer sobre as principais características do modo comunal de intercâmbio. Para concluir, tomo a liberdade de reproduzir aqui um pequeno trecho dessa sua espetacular análise sobre a sociedade da abundância onde predomine o princípio: "De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades", Crítica do programa de Gotha.

*"A realização verdadeira da sociedade da abundância requer a reorientação do processo reprodutivo social de tal modo que os bens e serviços Comunalmente produzidos possam ser plenamente compartilhados – e não desperdiçados de modo individualista – por todos aqueles que participam da produção e do consumo diretamente social. (...) Não obstante, ainda que a plena realização dessa visão – que postula a necessidade de uma transformação global – leve um tempo muito longo para ocorrer, os passos práticos necessários para avançar podem ser dados (no "aqui" e "agora") por qualquer sociedade pós-revolucionária, até mesmo em uma situação relativamente limitada, sem esperar pela reversão radical das relações de poder existentes entre capital e trabalho em uma escala global." (p. 894 e 895 de Para além do capital)*



# 140 ANOS DE LIMA BARRETO: DA CRÍTICA AO PASSADO À POESIA DO FUTURO



*Reprodução: Blog Estante Virtual*

*Por Rômulo Caires*

No último 13 de maio de 2021, Lima Barreto faria 140 anos. Para o escritor carioca, sua data de nascimento não seria apenas uma mera contingência, mas representaria um verdadeiro destino em sua vida. Lembraria por muitas vezes uma cena marcante: aos 7 anos, seu pai o colocava nos ombros e juntos comemorariam a abolição da escravidão no Brasil. Lima não sabia naquele dia, mas não tardaria a descobrir o engodo que ali presenciava: a libertação seria uma falsa libertação. No ano seguinte, presenciaria o golpe militar que proclamaria a República e faria deste evento, especialmente o seu prosseguimento em figuras como Floriano Peixoto, um pano de fundo constante em sua obra.

Em seu livro mais conhecido “Triste fim de Policarpo Quaresma”, Lima Barreto figura em belas páginas o momento inicial da formação da República no Brasil. O escritor mostra, dentre outros fatos, a relação direta entre a ideologia dominante da época, profundamente influenciada pelo positivismo, e as agruras que a nascente república vivia. Lembra-nos de como

o slogan marcado em nossa bandeira “Ordem e Progresso”, elevado a artigo de fé, serviu para mascarar o caráter eminentemente conservador e antipopular do governo nascente. Os positivistas postulavam uma espécie de “física social”: os fenômenos sociais seriam considerados no mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos. O sujeito científico poderia se portar como um físico experimental, que se afasta do seu objeto, depura suas paixões e pode enunciar um conhecimento objetivo, neutro em suas intenções.

Ao mostrar que, por trás de pretensa neutralidade, se esconderia o ímpeto de dominação marcante nas classes dominantes brasileiras, Lima ganharia muitos desafetos. Sua literatura sempre seguiu o sentido oposto ao positivismo: tratava-se de literatura militante, literatura engajada em desmistificar a realidade social e evidenciar as potencialidades advindas das forças populares. Seus personagens não eram criações mortas retiradas dos inventários greco-romanos como seu contemporâneo

Coelho Neto, mas saíam diretamente da vida brasileira, especialmente das classes menos favorecidas. Policarpo Quaresma não deixa de ser uma espécie de Quixote brasileiro, que repetia sempre um discurso presente nessas terras ao menos desde Caminha – aqui teríamos as melhores terras, as maiores riquezas, o povo mais esbelto. A desilusão de Quaresma ao final do romance evidencia os limites de um ufanismo ingênuo, que ignoraria justamente o caráter de subordinação do Brasil no jogo das Nações.

O escritor lembraria em seus últimos anos como passava cerca de 14 horas por dia em andanças pelo Rio de Janeiro, conversando com quem quer que cruzasse o seu caminho. Não era adepto dos chiques cafés cariocas e passava horas nas bibocas mais afastadas das luzes riantes da capital. São desses encontros que sairão muitos de seus personagens. Em sintonia com a grande literatura russa que chegava ao Brasil a partir de nomes como Tolstoi e Dostoievski, Lima punha em cena os miseráveis, os despossuídos, os seres marginalizados na vida social. Por partir deste ponto de vista, Lima foi constantemente atacado por seus contemporâneos. Apesar de ter escrito em muitos jornais e ter sido uma figura conhecida na cena carioca, ele pagou um preço alto pelas decisões que tomou.

Em “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, satirizou diversos medalhões da imprensa carioca, perfazendo em prosa penetrante o ambiente decadente da mídia hegemônica. Isaías era um homem negro, que nutria grandes pretensões sobre sua carreira e vida futura. Vindo de pequena cidade do interior, não havia ainda se confrontado com a dureza de uma sociedade racializada, mas logo em seus primeiros contatos na capital entenderá que o Brasil nunca se tratou de uma democracia racial. O crítico José Veríssimo elogiará o primeiro romance de Lima Barreto e reconhecerá o potencial do literato, mas acusará o caráter autobiográfico do autor. Não será o último a fazer tal comentário. Lima Barreto não poderá se desgarrar de experiência tão marcante em sua vida: retratar o racismo da realidade brasileira não seria uma mera exposição de sua vida pessoal, mas a reposição em termos estéticos dos pressupostos históricos de uma época - a abolição da escravidão no Brasil não havia realmente se completado.

Se a literatura modernista viria questionar a situação do narrador na literatura brasileira e relativizaria a crítica de um José Veríssimo, muitos ainda acusarão o escritor carioca de ter um estilo desleixado e pouco preocupado com as normas gramaticais. Serão esses os mesmos tipos de críticos literários que impugnarão a obra de Carolina Maria de Jesus por não seguir o padrão hegemônico de escrita. Lima Barreto recusava-se a emular a afetação dos escritores brasileiros, que em prol de uma dita perfeição de estilo faziam nada menos do que investir em letra morta, helenizar e dourar uma realidade que na verdade se mostrava bárbara. Além disso, não se tratava apenas de expor conteúdos críticos, confundindo a literatura com a sociologia. Apesar de literatura militante, Lima Barreto sempre se preocupou em evidenciar a particularidade que fazia da literatura a sua grande missão: a literatura representaria o que a mera exposição factual não seria capaz de fazer, exteriorizaria uma ideia em sua essência mais rica, faria tornar possível a ligação dos seres humanos e a ampliação de seus laços de solidariedade.

Seja em suas diversas crônicas, nas quais figurariam algumas das mais belas páginas sobre a vida no subúrbio carioca, seja em seus contos e romances, Lima sempre buscará objetivar a ligação íntima entre a literatura e a vida social. Sem ser arte pela arte, a escrita de Lima Barreto é capaz de arrancar risos hilariantes, expressar imagens carregadas de sentimentos e, principalmente, levantar o que há de humano por trás das maquinações automáticas da vida cotidiana. Insistir em desmascarar as ilusões de uma suposta pátria amada e harmônica não era apenas marcar uma rebeldia sem causa, mas tentar mostrar pela Literatura o que não era possível por outros meios: as figuras douradas cheias de preciosismos artificiais, o jornalismo interessado apenas em tornar dourada a mais dura realidade ou as forças políticas opressoras não cristalizariam o nosso destino. Se Lima denunciava um passado que teimava em subsistir, se era implacável com aqueles que defendiam as transformações pelo alto, era porque sabia: os de baixo trazem a verdadeira poesia do futuro.

**Lima Barreto vive.**



## FOME E MISÉRIA CRESCEM NO BRASIL



Reprodução: *Diário do Nordeste / Natinho Rodrigues*

Por *Vanessa Freitas*

Os custos da crise econômica, política e social no Brasil continuam a cair sobre a população pobre e periférica, e a conjuntura é desesperadora com a total precarização das condições de vida do povo brasileiro. A implementação da agenda ultraliberal ministrada por Paulo Guedes no governo Bolsonaro-Mourão, vem incidindo diretamente na realidade da maioria da população, onde o acesso a serviços e itens essenciais estão cada vez mais limitados em meio à pandemia do coronavírus. Atualmente, mais de 116 milhões de brasileiros vivem em situação de insegurança alimentar, segundo dados da rede PENSSAN, e as famílias da região Norte e Nordeste são as mais afetadas pela fome no país. Os cortes no auxílio emergencial, perpetrados em 2021 pelo Governo Federal, agravaram esse quadro, pois mais da metade das famílias brasileiras não dispõe de renda fixa para garantir a alimentação em quantidade e qualidade necessárias. No Estado da Bahia, onde o índice de desemprego é de 19,8% - segundo dados do IBGE, 170 mil pessoas vivem em situação de extrema pobreza, enquanto 22% dos cadastrados no CadÚnico vivem com apenas R\$89,00 por mês. São dados alarmantes, que revelam a situação de extrema vulnerabilidade em que a população se encontra frente, principalmente, ao aumento do preço da cesta básica nos últimos meses. Pensar a questão da fome no Brasil, considerando seus impactos, tal como o crescimento da desigualdade social em suas dimensões geográfica, racial e de gênero, é pensar como a lógica do modo de produção capitalista dependente em crise incide sobre a vida do povo trabalhador.

Um dos setores mais lucrativos no Brasil é o setor do agronegócio, e é para onde vai grande parte dos investimentos, além das concessões fiscais, do acesso ao crédito e do financiamento para a exportação de commodities. Portanto, a produção voltada para a satisfação das necessidades básicas da população de modo que garanta a comida na mesa das famílias e assegure a soberania alimentar, não é uma preocupação da burguesia brasileira, ainda que em um cenário de pandemia, em que milhões estão desempregados e sem renda. Ignoram os 19 milhões de brasileiros que passam fome. O Brasil retorna ao mapa da fome, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), enquanto as grandes redes de hipermercado, como a Carrefour, aumentaram sua margem de lucro em 2020. Essa é uma evidência clara de como é organizada a produção e a circulação das mercadorias - neste caso, itens alimentícios - na periferia do sistema, ocupando posição subordinada aos lucros e aos interesses do grande capital financeiro. O aumento da fome e da pobreza correspondem ao projeto político genocida que vem sendo orquestrado pelo governo Bolsonaro-Mourão, e a conjuntura é de aprofundamento dos ataques e retirada de direitos básicos da classe trabalhadora. Enquanto mais da metade da população vive em situação de miséria e enfrenta a insegurança alimentar, 10 brasileiros entraram recentemente no ranking de bilionários da Forbes. Esse é o reflexo da política econômica neoliberal que, em meio à crise sanitária, maximiza o lucro da burguesia brasileira às custas da miséria e da exploração da maioria da população.

## CAMILO DE JESUS LIMA

Por Camila Oliver

Em 08 de setembro de 1912, nasceu em Caetitê, Bahia, Camillo de Jesus Lima, filho do professor Francisco Fagundes de Lima e de Esther Fagundes da Silva. O hábito da leitura e a tendência literária foram também uma herança familiar: Camillo era sobrinho-neto de Plínio Augusto Xavier de Lima, poeta famoso no século XIX, o qual cursou a Faculdade de Direito com o também famoso poeta baiano Castro Alves, em Recife.

Antes de completar 20 anos de idade, Camillo mudou-se para Vitória da Conquista, onde se tornou poeta, jornalista, professor e político. Porém, aos 9 anos já havia publicado o seu primeiro poema no jornal *O Alvorecer*, da cidade de Condeúba. Em Vitória da Conquista, Camillo de Jesus Lima tornou-se amigo de intelectuais do campo político, da imprensa e das artes, tais quais Laudionor de Andrade Brasil, diretor do jornal *O Combate*. Dessa maneira, passou a colaborar com jornais locais (*O Combate*, *O Jornal de Conquista*, *O Conquistense*, *O Sertanejo*) e da capital (*A Tarde*). Ainda nesse período, aproximou-se dos ideais comunistas, difundindo-os em seus escritos.

O poeta era também um admirador de Luís Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança". Ele retomou esse encontro em uma entrevista concedida ao jornal *O Momento* na matéria "A missão do artista é lutar pela democracia e o progresso – um escritor a serviço do Partido de Prestes". Camillo conheceu Prestes em 1926, aos 14 anos, quando a Grande Marcha da Coluna Prestes passou pelo sertão da Bahia. Prestes desceu do seu cavalo à porta da casa do pai do poeta, e Camillo serviu-lhe um copo com água. O Cavaleiro da Esperança passou a mão pela cabeça daquele pequenino, que nunca esqueceria do seu gesto.

E a sua memória transformou-se em adesão aos ideais comunistas. Filiou-se ao Partido Comunista em 1950, declarando-se poeta proletário. Camillo foi preso pela ditadura em 1964, em Macarani, sendo levado para Salvador, onde ficou preso por quatro meses. Camillo morreu atropelado, em 1975, em Itapetinga.

O poeta proletário nos deixou uma extensa obra literária. Em 1942, com o livro *Poemas*, recebeu o Prêmio Raul de Leoni da Academia Carioca de Letras. Também publicou dentre outros: *As Trevas da Noite Estão Passando*; *Viola Quebrada*; *Novos Poemas*; *Cantigas da Tarde Nevoenta*; *Memórias do Professor Mamede Campos* (romance); *A Mão Nevada e Fria da Saudade*; *A Bruxa do Fogão Encerado* (contos); *Vícios* (contos); *Bonecos* (Perfis); *O Livro de Miriam*; *Cancioneiro do Vira-mundo*.

A música de Elomar Figueira, *Incelença Para Um Poeta Morto*, é uma homenagem a Camillo na ocasião de sua morte. O nome do poeta foi dado ao Centro de Cultura de Vitória da Conquista

Bate, César...

Por que é que tua mão perversa bate no meu rosto?  
Por que é que marcas o meu dorso magro com as estrias roxas do teu chicote cruel?

Por que é que as tuas unhas deixam manchas negras na minha pele?

Se é só porque eu disse aos que clamam que, um dia, tudo mudará,

Se é só porque eu afaguei as almas dos infelizes com o carinho da minha esperança,

Continua a bater, porque eu não me calarei.

Por que escarras na minha barba suja de terra?

Por que esmagas a minha mão calosa com o teu tronco de ferro?

Por que mandas os teus carrascos esmagarem os meus pés com as patas dos teus cavalos?

Se é só porque eu disse que os pobres devem ter pão,

Que todos os homens são iguais;

Se é só por isso, continua a escarrar na minha barba suja de terra.

Continua a esmagar as minhas mãos calosas no teu tronco de ferro.

Continua a mandar o teu carrasco

Esmagar os meus pés doloridos e roxos,

Porque eu jamais me calarei.

Dize tu, poderoso, dize tu, César,

Se alguém pode conter a tormenta que estala;

Se alguém pode deter a torrente dos rios

Quando eles descem, como avalanches, das montanhas.

Dize tu se alguém pode deter o dia rubro que engole, como um dragão de fogo, a noite negra,

E espalha ouro e carmim no horizonte infinito.

Como é que tu queres, com teus castigos desumanos,

Deter a torrente de revolta e a infinidade de esperança que saltam do meu coração?

Bate, César... Maltrata... Esmaga... Tortura...

Mas eu ouço o tropel dos cavalos da noite.

Vejo sangue correr... Vejo a terra vermelha.

Vejo homens em luta. Ouço a música suave

Que adormece os infelizes e sobe ao céu com a fumaça das casas pobres dos proletários...

César, que mão alva é esta que estende pão às crianças famintas?

César... que tropel é este que ouço, dentro da noite?...

(LIMA, 1955)



## À MEMÓRIA DE MARIA BRANDÃO



*Por Rafaela Fraga*

Baiana de Rio das Contas, Maria Brandão dos Reis nasceu junto com o século XX, no ano de 1900 - a primeira dos 9 irmãos que teria. Ainda em sua mocidade, abriu uma pensão na Baixa dos Sapateiros, em Salvador. Essa pensão lhe poria em contato com muitos dos jovens a quem formou politicamente, já sinal do trabalho fundamental que desempenharia na Bahia ao longo de sua trajetória.

Maria era uma mulher hospitaleira, e também muito ativa. Aos 47 anos, adentrou robustamente à luta política a partir de uma demanda de seu povo: mulheres, crianças e famílias inteiras da, como era chamada, invasão do Corta Braço estavam sendo ameaçadas de despejo. Maria Brandão organizou os moradores em vigília e, junto ao movimento, puxou uma passeata. Hoje, o Corta Braço é o bairro do Pero Vaz, vizinho à Liberdade e ao Curuzu.

Influenciada pela Coluna Prestes, organizou-se no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, agora junto ao Partido, deu continuidade à

sua militância política voltada, principalmente, à luta pela paz e contra a carestia da classe trabalhadora, a qual ela conhecia de perto. Entre 1947 e 1951, teve uma atuação de muitíssimo destaque - mas nem tanto prestígio -, tanto no PCB quanto na Federação de Mulheres do Brasil, a FMB.

Foi se hospedando na pensão de Maria Brandão que a histórica militante comunista Ana Montenegro a conheceu, e por ela foi introduzida à vida política. Em trecho do seu livro *Falando de Mulheres*, Montenegro traz: "Eu a conheci, Maria, usando uma linguagem que não era minha - a linguagem do povo. Eram expressões que não tinham me ensinado nas escolas e nem tinha lido nos livros e com as quais você convencia pessoas, quando ia, de porta em porta, pedindo assinaturas pela paz." A que se referia Ana Montenegro?

Em 1950, o Partido Comunista organizou uma campanha pela proibição do uso de armas atômicas, seguindo diretrizes da União Soviética direcionadas a todos os PCs do mundo. Essa

# MEMÓRIA

ação ficou conhecida no Brasil como “Campanha pela Paz”, e sua principal finalidade era o recolhimento de assinaturas da população para fortalecer a máxima de que qualquer arsenal atômico existente no mundo deveria ser eliminado.

A esta altura, o Partido já tinha sido posto na ilegalidade; e Maria seguiu firme em sua atividade partidária. Não apenas participou da Campanha, construída também pela FMB, como foi recordista: segundo o Jornal Momento Feminino, Maria Brandão dos Reis levou 10.700 assinaturas para o III Congresso Brasileiro dos Partidários pela Paz, ocorrido no Rio de Janeiro em 1951 e para o qual foi como delegada da Bahia.

“Dezenas de grupos de mulheres subiram aos morros, percorreram os bairros e foram às portas das fábricas”, dizia uma edição do Jornal Momento Feminino no mesmo ano, mostrando Maria nas fotos. Ela ficou conhecida como “milionária da paz” pela quantidade de assinaturas que recolheu a partir de seu trabalho de base. Este que, aliás, influenciou na formação de comitês de base nos bairros, fator importantís-

simo para a organização da classe, a qualquer tempo.

Como reconhecimento à sua atuação altamente disciplinada e avançada, em 1952 Maria Brandão foi indicada ao recebimento de uma medalha de ouro do Júri Nacional dos Prêmios da Paz, condecoração de grande notoriedade e importância, concedida aos mais destacados coletores de assinaturas. Assim, oficialmente, tornou-se Campeã da Paz.

Maria tinha esperança, mas não era uma esperança abstrata; ela a construía, dia após dia, na luta de classes. Ela dizia que lutava pelo novo, pelo que estava a nascer. Além do exemplo, da inspiração e de todo o ensinamento, a Campeã da Paz deixa para as novas gerações a receita para tamanha esperança, mesmo nos piores momentos: convicção política e compromisso com a luta de classes.

Em 1947, Maria Brandão dos Reis participou de uma campanha popular de arrecadação de fundos para o Jornal O Momento; 74 anos depois, falamos desta mulher de luta com admiração e respeito, buscando disseminar e eternizar o seu legado. Pela memória de Dona Maria!

